

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 400 reis.

Administrador e editor: José Fructoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO : — *Leão XIII*—QUESTÕES ACTUAES : *A proposito das festas de Braga*—A NOSSA GALERIA : *Silvio Pellico*—ARTE RELIGIOSA : *A «Conceição» de Murillo*—VISÃO DOS TEMPOS ANT.GOS : *As sete maravilhas do mundo*—LITTERATURA : *O habito não faz o monge*—AS NOSSAS GRAVURAS:—DE TUDO UM POUCO—LYRA CHRISTÁ: *Deante*

d'uma imagem de N. Senhora da Soledade (poesia), por D. Francisco de Noronha; *A Virgem Immaculada!* (poesia), por J. d'Almeida Motta; *Hymno á Virgem* (poesia), por Rangel de Quadros—RETROSPECTO DA QUINZENA—NECROLOGIA—B.BLIOGRAPHIA.
Gravuras:—*Leão XIII*; *Maria, Mãe dos Homens*.



LEÃO XIII

LEÃO XIII

(20 DE JULHO DE 1905)

Passa no proximo dia 20 do corrente o primeiro anniversario luctuoso do passamento do pranteado Pontifice Leão XIII.

Tão funebre data não podia passar despercebida entre o jornalismo catholico para podermos derramar mais uma vez sobre a sua memoria indelevel a amarga lagrima da saudade.

Por terem agora e sempre uma constante actualidade, transcrevemos seguidamente o que escrevemos n'esta mesma revista por occasião do seu transito :

"Morreu! . . . espalhou por todo o orbe ancioso o imponderavel fluido electrico na sua linguagem laconica e brutal . . . Mas, pura illusão! assim como, por uma diaphana noite de estio, scintillam no longinquo azul-escuro do céu, n'um tremulo de luz, biliões e biliões de soes aos quaes o menor farrapo de nuvem que se lhe anteponha obsta os seus raios de chegarem até á nossa retina, não deixando comtudo de occuparem o seu logar fixo nos espaços do incommensuravel, assim tambem o symbolico *Lumen in caelo*, se se empannou por instantes pela carencia n'este mundo da summa perfeição, continuará no emtanto na sua trajectoria infinita, ainda que o offusquem passageiramente as sombras do sepulchro terreal. A figura espiritualizada de Leão XIII, que se diria uma concepção ideal da paleta d'um Fra Angelico ou d'um Memling, tão extraterrestre que se mcstrava quasi isempta dos liames terrenos da materia, toda ella aerea, fluidisada, não podia estar sugeita ás contingencias que assoberbam esmagadoramente os miseros mortaes. Sobre elle, sobre a sua obra imperecedoura "poder não tinha a morte.," O seu espirito, qual astro refulgente, alou-se, na sua orbita cosmica, para a harmonia das espheras, para a quintessencia da beatitude, d'envolta com um turbilhão de luz, para de lá continuar a brilhar no sete-estrello como guia infallivel dos humildes, dos proletarios, da humanidade inteira.

Leão XIII não morreu!

O Pontifice immortal não podia morrer!,"



QUESTÕES ACTUAES

A proposito das festas de Braga

Ainda resoam gratamente no fun-lo de nossos corações os ultimos echos das festas da Immaculada Conceição em Braga.

Que ellas foram grandiosas, acima de toda a expectativa, dizem-no todos os que a ellas tiveram a dita de assistir.

De feito, não eram ellas umas festas de character mais ou menos particular, mais ou menos restricto, mas sim era antes uma manifestação unanime de todo um povo de crentes á sua celestial protectora no céu. Eis o motivo unico da sua imponencia magastosa e brilho imprevisito.

Viu-se, pois, que este appello fôra o mais entusiasticamente acolhido quão era de esperar ainda de quem herdara dos seus maiores as mais lidimas virtudes civicas e religiosas.

Todo o reino, do norte a sul, se commoveu e entusiasmou, levando assim aos pés da Virgem do Sameiro essa multidão compacta, immensa, na mais adcravel das manifestações.

D'aqui póde tirar-se a conclusão animadora de que n'esta nossa terra portugueza ainda ha fé bem viva e encendrada, crenças solidas e profundas.

E' esse um facto consolador que nos faz acalentar as mais fagueiras esperanças n'um porvir bem proximo.

No emtanto, não nos illudamos, é necessario não deixarmos perder a occasião para fazer umas observações que o caso suggere.

Em primeiro logar, é hem certo que a maioria dos portuguezes é crente, tem fé e conhece a sua necessidade instante. Mas d'ahi a ser-se um crente pratico, isto é, um crente como deveria sê-lo, vae muito longe.

Lembrem-se estes catholicos que têm mais deveres a cumprir, que é mais amplo o campo da sua acção, que têm que dar o exemplo e procurar a felicidade futura dos homens seus irmãos, mórmente n'estes tempos de lucta.

Ora não é isto o que se vê, antes é exactamente o contrario.

E n'estas mesmas festas jubilares de Braga podemos colher dados para comprovar o que affirmamos.

E' obvio affirmar se mais uma vez aqui a necessidade momentosa do apostolado da imprensa como o mais necessario arauto da doutrinação hodierna, pois isso já o tem sido superabundantemente demonstrado pelos ultimos Pontifices, Leão XIII e Pio X.

Por esta occasião alguns collegas nossos no jornalismo catholico fizeram tiragens especiaes de numeros commemorativos das festas de Braga, que alliavam á sua belleza typographica a nimia barateza.

Pois,—com magua o dizemos—quasi todas essas edições deram de novo entrada nas suas redacções devido á sua nulla ou quasi nulla venda!

Dir-se-hia que os peregrinos de Braga, absortos na grandiosidade da manifestação, nem sequer se importaram de levar para os seus lares uma simples lembrança da memoravel peregrinação bracarense, que melhor não o podia ser do que um jornal commemorativo.

Não queremos ver n'este caso outra cousa senão uma prova a mais da indiferença com que os catholicos tratam a imprensa defensora das suas crenças, e outra cousa parece não poder deduzir se d'isso.

Vejam elles, pois, que nota triste deixaram em tão grandiosas festas!

Temos esperança, porém, que n'um futuro bem proximo todos os catholicos se compenetrem fundamente d'esta obrigação que lhes impende.



A NOSSA GALERIA

Silvio Pellico

Eis mais um grande espirito aberto por fim á verdadeira luz, quando, desilludido das vãs doutrinas revolucionarias para onde o pretenderam arrastar, na lóbrega escuridão do carcere fôra escrever o livro das suas memoráveis confissões, verdadeiro monumento da philosophia christã.

A Italia celebrou ha bem pouco tempo ainda o quinquagenario da sua morte, e nós, os catholicos, ficamos com mais este exemplo do quanto pôdem as sublimes maximas christãs nos espiritos superiores e illuminados.

Silvio Pellico nasceu em Salluzzo, na Italia, no anno de 1789, preludios da revolução franceza. Haurira no lar paterno a solida educação christã, que, não o abandonando jámais, lhe mitigara beneficemente as agruras dos ultimos dias da sua vida.

Cedo começaram para elle as desditas. Na sua mocidade perdera aquella em quem havia encarnado todos os seus sonhos, e imagine-se a dor que este lance derramara na sua alma, a ponto de dar-lhe essa suave melancholia que resumbra de toda a sua vida e obra.

Havendo começado os seus estudos em Lyon para onde foi mandado, a nostalgia levou-o a voltar para a patria, resolvido a entrar na litteratura.

Preparou então a tragedia *Francesca de Rimini*, baseada n'um episodio do Inferno de Dante. Por este motivo relacionou-se com os intellectuaes do seu tempo: Byron, M.^{re} de Stael, Schlegel, Romagnosi, Manzoni, Thorwadsen e outros, alguns dos quaes, carbonarios como eram, pretenderam allicial-o.

Estas relações levaram as auctoridades austriacas a tel-o por suspeito, e uma carta dirigida a um amigo carbonario, pedindo umas explicações sobre essa sociedade secreta avançadissima, fôra apprehendida, resultando d'ahi a sua prisão, que tivera logar no dia 13 de setembro de 1820, em Milão, como elle conta nas *Mie Prigioni*.

Ennubla-se d'aqui por deante a biographia de Silvio. Transferido de Milão para os Piosubi, de Veneza, e d'ahi para a horrivel prisão de Spielberg, na Moravia, o seu bello espirito depurava-se no crysol do soffrimento, preparando esse livro d'ouro, verdadeiro memorial de resignação e mansidão christã. *As minhas prisões* nunca poderão ser lidas com olhos enxutos.

Agora um trecho d'esse livro ao accaso. «D'antes, sem hostilizar a religião, eu pouco ou mal a seguia. As vulgares objecções com que costuma ser combatida não me pa-

reciam grande cousa, e sem embargo sentia enfraquecer-se-me a fé por mil duvidas sophisticas. Ha muito que taes duvidas não cahiam já sobre a existencia de Deus, e eu ia repetindo a mim mesmo que se Deus existe, consequencia necessaria da sua justiça, é outra vida para o homem que soffreu tão injustamente; d'ahi a grandissima razão de aspirar aos bens d'aquell'outra vida; d'ahi um culto de amor de Deus e do proximo, um perpetuo aspirar a nobilitar-se em generosos sacrificios! Havia muito que meditava isto interiormente e acrescentava:—E que outra cousa é o Christianismo senão este perpetuo aspirar a nobilitar-se?—E maravilhava me como sendo tão pura, tão philosophica, tão inatacavel a essencia do Christianismo, tivesse vindo uma epocha em que a philosophia ousasse dizer:—Farei eu d'aqui em deante as suas vezes!—E em que modo farás as suas vezes? Ensinando o vicio? Não decerto. Ensinando a virtude? Pois bem: essa será o amor de Deus e do proximo, será precisamente o que o Christianismo ensina.

«Com todo o meu discorrer longos annos d'este theor, esquivava me a concluir:—Sê portanto consequente! sê christão! não tornes a escandalisar-te pelos abusos! não malignes mais sobre qualquer ponto principal da doutrina da Igreja, porque o seu ponto principal é este, e é lucidissimo: ama a Deus e ao proximo!

«Na prisão resolvi finalmente tirar tal conclusão e tirei-a. Hesitei um pouco, pensando que se alguém viesse a conhecer que eu era mais religioso que d'antes, havia de julgar-me hypocrita e aviltado pela desgraça. Mas, sentindo eu que não era nem hypocrita nem envilecido, deitei-me em não curar das lastimas immerecidas que porventura me fizessem e resolvi ser e declarar-me d'alli em deante christão.»

De feito, Silvio Pellico fôra sempre christão; se as trevas do erro o cegaram por um pouco á verdadeira luz, alvorejara-lhe de novo a aurora na noite caliginosa do carcere.

Em summa, o exemplo de Silvio Pellico fica sendo um balsamo reconfortante para os transviados, um tributo de lagrimas á verdade e um padrão immorredouro da philosophia christã.

ARTE RELIGIOSA

A «Conceição» de Murillo

Está agora mais que nunca em foco esta maravilha da concepção do genio humano, esta sublime obra pictural que alguns criticos d'arte consideram como o arroubo mais feliz sahido da mão do homem.

Effectivamente, a analyse esthetica revela-nos um a um todos os primores d'este portentoso milagre da paleta.

A creatura predestinada pelo Eterno para Mãe de Deus devia ser formada de todas as bellezas da natureza e cumulada de todos os privilegios da graça.

Os cabellos deviam ser como ondeantes fios de ouro; os olhos de saphira, ainda voltados para o céu, reluzentes como diamantes; os labios de rubi oriental, formosos como a prece; o collo de alabastro, meigo como o da pomba; o corpo, moldado pelo pensamento divino, rescendendo, como a rosa de Jerichó, fragancias de eterna virgindade; a alma esplendida como sol sem nuvens em manhã de primavera.

Eis em rapidos e descorados traços a Virgem como mulher.

E' já perola preciosissima, thesoiro de innocencia, estrella do céu, vaso cheio de graça, obra prima do Crea-

dor, mas não ainda a arca de Deus vivo, mãe da Luz, cooperadora do Filho, a esposa do Espírito Santo.

A contemplação da immaculada pureza e doçura angelica da Virgem a par da augusta magestade e dignidade incomparavel da Mãe, empanna a imaginação do homem ainda a mais arrojada.

Como é que a creatura humana havia de esboçar o problema esmagador da idealisação da Virgem Mãe?

Aonde é que o pintor iria buscar tintas para exprimir a graça encantadora da virgindade e a ternura sentimental da maternidade?

Só uma paleta e um pincel divino retratariam dignamente a Virgem Mãe em um arroubo extraterrestre, impossivel de explicar.

Murillo, por uma intuição do genio, lobrigou muitos seculos antes o que o immortal Pontifice Pio X decretou com o dogma da Immaculabilidade de Maria.

Eis como Luiz Veuillot, o grande jornalista catholico, falla da obra de Murillo, no seu notavel livro «O Perfume de Roma»:

«Murillo pintou, parece-me, aquelle pensamento de Deus que ha de ser Maria, aquella expectação dos prophetas e dos santos, da qual nada ainda podia exprimir a inexprimivel formosura, a inexprimivel perfeição, e, se é licito dizel-o, o inexprimivel emprego na terra e nos céus.

«A pintura de Murillo é uma das grandes obras do genero humano. Nas profundezas do tempo e nas profundezas do céu, deve Isaias ter visto assim a Virgem que havia de conceber. Assim deve ter apparecido, descendo á terra, com os olhos volvidos ao céu, radiante d'amor, obediencia e humildade.

«Eis essa alma perfeita, eternamente preservada de toda a macula humana! E' enviada á terra por esse Deus que tanto amou o mundo, para se unir a um corpo perfeito e ao qual não attingirá macula alguma; e n'esta dupla perfeição, e n'esta dupla pureza, será ella o instrumento do insondavel mysterio da nossa salvação.

«Tem toda a candura da eterna innocencia, e todo o esplendor da eterna virgindade. Estão descalços os pés, os cabellos desatados fluctuam no ar que não atravessaram halitos humanos, e a veste não é mais que um véu cujo uso ella ignora, porque lhe são ainda desconhecidas as enfermidades e miserias da natureza mortal.

«Desce, firmada sobre anjos, atravez dos raios da luz divina. Está de festa o céu, pois presente que vae cumprir-se um grande designio de misericordia sobre a raça hebræa. A Embaixatriz do Creador ha de tornar a subir para atrahir legiões de santos. Ahri-voe, portas eternas! Esses anjos meninos que a circumdam e cujo character demasiado humano tenho ouvido criticar são a poetica propheta das abundantes messes de flores puras que a terra, d'oravante regada pelas aguas do baptismo, brotará para os céus. D'ora avante dará a terra ao céu, não só fructos, senão tambem flores. Tal é o quadro do grande pintor hespanhol, verdadeiro filho d'essa nação theologica que tem produzido tantos doutores profundos. Murillo vivia em familiaridade com os religiosos, no meio de um povo que, para formula de saudação cordeal, adoptara uma profissão de fé na Immaculada Conceição de Maria.»

E Tastenrath cheio de entusiasmo escreve: «Murillo, pasmo do orbe, artista inspirado, mystico pintor da formosura ideal de Maria purissima! Tu retrataste a Mãe de Deus, qual corredeira, qual celeste imperatriz, envolta no santo arcano de sua sublime Conceição Immaculada, cujo symbolo é a branca lua a seus pés; retrataste-a rodeada de dulcissimos cherubins devotados ao seu serviço e transfigurada p-lo lume do céu. Tu copiaste-a com o celeste matiz de teus pinceis, com a chamma do teu genio fecundo, com o teu coração de artista e de poeta, com o

teu fervor christão, com não sei quê de intuição mysteriosa, com tua alma repleta d'aquella ardente effusão, d'aquelle entusiasmo ineffavel, d'aquelle extase profundo do sentimento e de phantasia.»

Effectivamente, este sublime qualro da escola hespanhola, é de molde a entusiasmar poetas e artistas.

Deante d'elle a critica esthetica desdobra-se nos mais alevantados louvores, buscando as phrases e imagens mais subtis para esboçar ainda que debilmente os fremitos do mais arroubante entusiasmo.

A arte christã, possuindo os mananciaes mais puros da belleza, evidenciou-se n'esta obra prima com toda a sua exuberancia. E' esta uma maravilha da arte, como o é tambem o «Moysés» de Miguel Angelo para a esculptura, as cathedraes gothicas para a architectura, ou o «Paraiso Perdido» para a poesia.

Em summa, o ideal christão teve em Murillo um sublime interprete.

VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS

As sete maravilhas do mundo

(Continuado do n.º 23 do anno anterior)

V

o Tumulo do rei Mausolo em Halicarnasso

O Colosso de Rhodes e o templo de Epheso, a obra prima de Phidias, não eram mais que as homenagens rendidas por uma cidade inteira a divindades mythicas e pavorosas. Não foi, porém, a superstição collectiva d'um povo, mas sim foi o amor conjugal d'uma mulher que erigiu o celebre Mausoléu.

Esta maravilha do mundo tem um character profundamente humano, e assim commove-nos mais e é d'entre todas as suas congengeres aquella cuja recordação se nos evoca mais suavemente com todo o cortejo das imagens mais emocionantes.

Na primeira metade do seculo IV antes de Jesus Christo, o pequeno reino de Caria, na Asia Menor, gozava d'uma prosperidade sem igual, sob a dominação do rei Mausolo e da rainha Artemisa. Debalde se procuraria um par mais intimamente unido que o dos conjuges reaes. Mas a morte, que fere igualmente os pobres nas suas cabanas e os ricos nos seus castellos, veio bater um dia á porta do palacio real de Halicarnasso, e o rei Mausolo morreu n'essa noite.

O sombrio desespero de Artemisa não a impediu de dispôr tudo para os funeraes de seu marido. Julgava-se na antiguidade que a alma era mais feliz depois da morte, se se lhe fizessem pomposas exequias, e Artemisa a nada se poupou para obter a felicidade posthuma de Mausolo.

Resolveu ella elevar-lhe um monumento que proclamasse atravez dos seculos a fidelidade da sua inconsolavel viuva. Sobranceiro ao porto e ao mar, sobre a grande praça de Halicarnasso, no proprio sitio onde o corpo de Mausolo havia sido consumido, Artemisa mandou construir um tumulo magnifico, o Mausoléu. Halicarnasso era uma grande cidade, rica em templos e palacios, mas nenhum dos seus edificios tinha comparação com o Mausoléu. A vontade d'uma rainha havia se mostrado mais poderosa que a fé de todo o seu povo.

Acabrunhada pela dôr, Artemisa não sahia do seu palacio senão para ver os progressos da construcção do Mausoléu. Ao vê-la passar, trajando longas vestes de lucto, os seus subditos sentiam uma compaixão profunda.

Comtudo Artemisa, contemplando o edificio com os

seus olhos velados de lagrimas, perguntava com inquietação a si mesma se viveria assaz para vê-lo terminado. Fazia duplicar o numero dos pedreiros, ajuntava auxiliares aos esculptores e pintores. Trabalhava-se no Mausoléu com uma actividade febril. Emfim ficou concluido o edificio.

Era uma construcção quadrangular, affectando a forma d'um templo. A parte inferior do edificio tinha 30 metros de frente e 33 de lado. Nos intercolumnios encontravam-se trinta e seis estatuas, representando alternadamente um heroe e um leão. Por cima do templo erguia-se uma pyramide coroada por uma quadriga de marmore.

No carro da quadriga estavam collocadas, de pé, duas estatuas de tres metros, representando Mausolo e Artemisa. A altura total do monumento excedia 43 metros.

Um legitimo orgulho se apoderou de Artemisa quando viu a sua obra terminada. Mas o Mausoleu era a unica razão que lhe restava de viver. Acabado este edificio, todo o esforço pareceu quebrado no coração da rainha, e Artemisa morreu, legando á sua capital uma das mais puras maravilhas da arte grega e á posteridade um magnifico exemplo de amor conjugal.

De Mausolo vem a etymologia da palavra mausoléu.

LITTERATURA

O habito não faz o monge

I

Muito queria dissimular-o, e, não obstante, a ninguem se occultava que, n'aquelle momento, S. Ex.^a o Snr. Ministro estava de um mau humor insupportavel.

O dia amanhecera chuvoso e frio, após uma noite de borrasca; da immensidade dos céos enluctados, deslisavam nuvens carregadas, quaes monstruosos partos das sombras; um vento de furacão fazia estalar o latego das suas iras sobre o dorso do Mediterraneo, que bramava como uma fera ferida; e as ondas, sobrepondo-se umas ás outras, erguiam-se altivas, imponentes, coroadas de espuma, ameaçando sepultar em seu seio revoltado o incauto navegante que tivera a ousadia de desafiar os seus rigores.

—Que fazer?—A partida, no entender do Snr. Ministro, devia effectuar-se quanto antes. A Austria agitada por fundas questões politicas reclamava a todo o transe a presença do seu imperador, Francisco José; emquanto que este, pegado como uma lapa aos *soezes mendigos*—que assim chamava Bismarck aos franciscanos—em tudo pensava menos em abandonar a Terra Santa.

Debalde Francisco José, a quem as impertinencias do seu ministro durante a viagem tinham já farto, pretendia, com ponderaveis razões, annullar o seu temerario intento; debalde instara que retardasse o embarque, até que a tormenta amansasse e as ondas enfurecidas se apaziguassem.

Aquelle Ministro que, pelo simples facto de ser ministro, julgava-se pouco menos que omnipotente, não quiz ceder a nada; afinal o imperador, vendo a inutilidade das suas tentativas e attendendo sem duvida a que os soberanos *segundo o uso* reinam mas não governam, viu-se na dura necessidade de ceder, ainda que com desgosto, ante as reiteradas instancias do seu ministro.

Este, não pouco satisfeito por haver alcançado o que desejara, deu, sem perda de tempo, as ordens necessarias para o embarque; mas, aonde encontrar maritimos que se prestassem a secundar os seus desejos? Por mais que os arabes de Jaffa sejam em extremo dextros e audazes e não temam affrontar os maiores perigos, principalmente quando lhes está imminente uma boa gorgeta, nenhum

d'elles, n'aquelle occasião, queria disputal-a ao mar irriado, e foi precisa toda a imperiosa influencia das auctoridades turcas para obrigar-os, á força de ameaças, a pôrem as suas embarcações á disposição do ministro austriaco.

Não ficaram por aqui os bons officios dos tyrannetes da cidade. Estes, cujo poder sobre os infelizes subditos não reconhece outros limites que os do capricho, notando a turbação e sobresalto dos marinheiros, exclamaram exasperados:

—Ai de vós se não obedeceis, ou se na travessia succede algum desagradavel precalço! Pois juramos, «pelas barbas do propheta», que se o imperador e a sua comitiva não chegarem sãos e salvos ao vapor, pagareis com a vida, sendo os nossos proprios alfanges os que hão de ceifar as vossas cabeças, com a mesma facilidade com que o lavrador sega as douradas messes no estio.

II

Não tardou a espalhar-se por Jaffa a noticia da partida de Francisco José.

Apezar das inclemencias do tempo, os cidadãos, avidos de presencial-a, accodem em tropel ao porto, invadindo os logares por onde devia passar S. M. As janellas e saccadas dos edificios que olham para a praia viam-se apinhadas d'uma multidão immensa.

Por fim, depois de largo tempo de espera, concentraram-se todos os olhares sobre a porta do Hospicio da Terre Santa. O imperador, precedido da sua comitiva e rodeado pelas auctoridades turcas e pelos religiosos franciscanos, apparecia ante a absorta multidão, e encaminhava-se para o porto, conversando affectuosamente com o seu bom amigo, o P. Casto Anado.

Assim que a regia comitiva chega ao porto, S. M. troca os ultimos cumprimentos com as auctoridades, dá um «adeus» affectuoso aos religiosos, e salta para a ligeira lancha, onde o recebem, tremendo de medo, os experimentados marinheiros que deviam tripulal-a.

N'aquelle momento as exclamações cessam, e todos os presentes, estampada a inquietação no rosto, seguem com os olhares o debil barquito, que, impellido por ligeiros remos, cruza veloz como uma flecha os temiveis escolhos, e avança, mar em fóra, na direcção do soberbo vaso austriaco que não longe se balancia magestoso sobre as irritadas ondas, desfaldando ao vento a sua bandeira coroadada pela aguia imperial, como branca gaiivota sobre o fundo azul-escuro do horisonte, e estendendo pelos ares a negra cabelleira de fumo que ia sumir se nas regiões incommensuraveis do espaço. Eutretanto, sobre a coberta, tudo é entusiasmo, animação e regosijo; ouvem-se ahi, em revolta confusão, vozes de commando, resfolegar de machinas e notas soltas de instrumentos musicaes.

Achava-se o imperador muito perto do vaso de guerra, quando S. Ex.^a o Snr. Ministro, vendo o seu soberano fóra de perigo, occupou o seu posto em outra formosa lancha, não sem haver feito antes os cumprimentos do estilo ás auctoridades, e dirigir, por despedida aos «soezes mendigos» um olhar de profundo desprezo, de odio implacavel. A um leve aceno seu, os marinheiros moveram os remos, e a lancha sahiu do porto, atravessando as ondas que salpicavam com agua as vestes e o rosto de S. Ex.^a Este, sem duvida arreliado pelo atrevimento do mar, o qual parecia comprazer-se em obsequial-o com tão desagradaveis caricias, dirigiu ao enfurecido elemento um olhar, não sei se de amarga recriminação se de manifesta impotencia, com o qual parecia querer dizer-lhe:—Pobre de ti, se fesses soberano constitucional!...

No emtanto teve que convencer-se de que aquillo não era outra cousa senão um al-gre brinquedo da tormenta.

Chegava já a lancha ao sitio mais perigoso do porto, quando o ministro viu com perturbação e sobresalto que á sua direita se erguia uma onda alterosa, ameaçadora, no instante preciso em que o imperador era recebido a bordo ao som da *Marcha Real* e saudado pelos soldados com repetidas salvas de palmas, e tiros de canhão. A onda cresce, arfa e levanta sobre o dorso o barquito e lava-o como se elle fôra uma leve casca de noz para sobre um recife. Então o perturbado ministro, tremendo dos pés á cabeça, dirige ao vapor um olhar a modos de supplica, e seus olhos encontram-se com a aguia imperial da bandeira que se apresenta á sua imaginação como pugnando por remontar o vôo ás alturas e indicando-lhe assim o logar onde habita o Unico que podia attendel-o e salvar-o.

A lancha impellida pela onda aproxima-se dos escolhos. O ministro levanta-se livido, convulso. A multidão aterrada ouve primeiro o choque da lancha ao desfazer se sobre os rochedos, depois a voz suffocada de S. Ex.^a, implorando auxilio, o rugido de desesperação dos remadores... e depois... depois, nada!... Seis tripulantes que luctam com todas as suas forças contra as aguas, o vento que passa silvando como uma locomotiva, o ruído das turbulentas ondas que se erguem rugindo... rugindo sem cessar...

III

Por fim, depois de uma porfiada lucta com o mar, que se oppunha a devolver a sua preza, os tripulantes, a quem a lembrança da ameaça das auctoridades infundia valor para affrontar o perigo, lograram arrancar das fauces da morte o infeliz ministro, que, pouco depois, recebia na Hospedaria da Terra Santa inequivocas provas de amabilidade e sollicitude dos religiosos, que, esquecendo passados aggravos, sabem sempre attender ainda aos seus mais ajuramentados inimigos.

Refeito algum tanto S. Ex.^a dos tristes effeitos do naufragio, e parecendo-lhe que depois de haver sido a causa do embarque do imperador, não era justo que, por culpa sua, tivesse o vapor que interromper a sahida para a Austria, supplicou então aos religiosos que lhe proporcionassem vestidos, pois que dos seus lhe era materialmente impossivel valer-se, e a sua bagagem estava já toda a bordo.

Com muito gosto acataram os religiosos o seu pedido; como, porém, poderiam comprazer-lhe se não tinham á sua disposição outras vestes senão os habitos de que usavam? Fizeram-lhe ver, pois, que não havia trage algum no Convento nem na Hospedaria, nem possibilidade de adquirir-o com a rapidez com que o desejava; e que o mais que poderiam fazer, em seu favor, era proporcionar-lhe um habito dos seus.

O incredulo ministro oppoz aos religiosos algumas difficuldades.

—Como? Eu vestido de padre? Não faltava mais nada...

—Saiba S. Ex.^a que a distancia é curta, e que uma vez no vapor poderá então utilizar-se da roupa das suas bagagens.

—E que ficarão dizendo de mim? Chamarei a attenção e...

—Perdão, senhor, nada d'isso acontecerá; além de que, n'estas terras, onde cada qual veste conforme quer, ninguém estranhará ao vel-o vestido de padre...

Por ultimo, S. Ex.^a, comprehendendo que a sua presença no vapor urgia, e que, não acceitando a proposta dos religiosos, retardaria consideravelmente a partida, não teve outro remedio senão render-se, ainda que resmungando, á vontade d'aquelles.

Pouco depois, o ministro incredulo, o raivoso protestante, o inimigo jurado dos frades, acompanhado pelos re-

ligiosos, abandonava a hospedaria e dirigia-se ao porto, vestido com o tosco burel dos «soezes mendigos», com sandalias novas nos pés, as mãos nas mangas e o capuz do habito cahido até aos olhos para não ser reconhecido.

Grande foi a inquietação do imperador e dos da sua comitiva, quando viram, tripulada por robustos arabes, acercar-se do vapor, uma lancha, que conduzia unicamente um frade. Elles, que da coberta haviam sido testemunhas do desgraçado lance do naufragio, temiam e não sem motivo que aquelle religioso fosse communicar lhes a triste noticia da morte de S. Ex.^a. Qual não seria, porém, a sua admiração e assombro ao reconhecerem n'aquelle frade encapuzado o m-smissimo ministro em pessoa?!

—Que pena—deveriam ter dito com Deus e consigo—que pena que o habito não faça o monge; pois, n'este lance, poderíamos hoje congratular-nos de que para o futuro, graças ao naufragio, contaria Deus com um servo a mais e a Egreja com um adversario de menos!

(Trad.)

F. S. MUEL E JÁN.

AS NOSSAS GRAVURAS

Deante da immensidade

(Vide n.º anterior)

O mar é um theatro grandioso, onde se desenrolam os mais magestosos e imponentes scenarios da natureza.

Ante a extensão sem fim do indomavel elemento, o mar, e a immensidão dos espaços azues do céu, com todas as variadas mutações que hora a hora se nos desvendam, a alma sente librar-se a mansões de beatitude envolta em pensamentos aliloquos do poder infinito de Deus.

Só quem não passara ainda alguns momentos á beira-mar em face do incommensuravel oceano é que pôde ignorar as inefaveis ideias que então tumultuam na nossa mente extasiada.

Tal acontecera com a joven representada na nossa gravura. Analysse-se detidamente toda a sua postura e ver-se-ha que n'aquelle abandono e enleio completo só pensamentos bons podiam perpassar pela sua cabeça juvenil.

Por estes tempos de temporadas nas praias, quantas e quantas vezes se não repetirá a scena tão bellamente representada na nossa gravura?

Maria, Mãe dos Homens

A nossa gravura representa uma formosa estatua de N. Senhora, copia d'um trabalho celebre.

N'esta obra d'arte representa-se a SS. Virgem como personagem sublime da tremenda scena do Golgotha. O artista inspirou-se no instante preciso em que Ella era constituída Mãe dos Homens pela phrase de Jesus: Mãe, eis alli-teu Filho!

Na sua concepção, o esculptor teve em vista representar a *mulher forte* da Escripura, imprimindo-lhe traços verdadeiramente varonis e vestindo-a no rigor oriental.

E' no emtanto um primor d'arte que os nossos leitores contemplarão gratamente.

DE TUDO UM POUCO

Aventuras de Junipero

Durtal recordava-se das aventuras d'este franciscano (Junipero) a quem os seus companheiros deixaram um



Maria, Mãe dos Homens

dia sóinho no convento, recommendando-lhe que tratasse do jantar, afim de que estivesse prompto á sua volta.

E Junipero reflectiu:—que de tempo gasto em preparar iguarias! os irmãos que se revezam n'esta occupação não têm ensanchas para se entregarem devotamente ás suas orações! e, desejando tirar esse encargo aos que lhe succedessem na cosinha, resolveu preparar tão copiosos pratos que com elles a comunidade pudesse alimentar-se por espaço de quinze dias.

Então accende todas as fornalhas, descobre, não se sabe como, enormes caldeirões, enche-os de agua, lança para ahi promiscuamente ovos com as cascas, frangos com as penas, legumes por escolher, e esforça-se com uma fogueira capaz de assar bois inteiros por remexer com um pau a comida absurda das suas caldeiras.

Quando os irmãos vêm a entrar e se installam no refeitório, elle accorre, com o rosto a escorrer suor e as mãos queimadas e serve-lhes jubiloso o seu acepipe. O superior pergunta-lhe se não está doido, e elle fica estupefacto quando não vê ninguem tocar n'este espantoso cozinheiro. Confessa com toda a humildade que julgou prestar serviço aos seus irmãos, e á observação de que tanto comer era perdido, chorou lagrimas ardentes, declarando-se um miseravel. Grita então que não serve senão para desperdiçar os bens do bom Deus, ao passo que os monges sorriem, admirando a incontinencia de caridade e o excesso de simplicidade de Junipero.

J. K. Huysmans.

Calendario:

Julho
15
1904

Morre em Lisboa, na idade de 70 annos, o grande jesuita portuguez, Simão Rodrigues, natural de Vouzella, e um dos Fundadores da Companhia de Jesus, em 1579.

O Instituto dos Jesuitas foi fundado por S. Ignacio de Loyola e mais alguns companheiros, entre os quaes S. Francisco Xavier e Rodrigues, em Paris, aos 15 de agosto de 1534 e foi approved em Roma pelo Papa Paulo III a 10 de setembro de 1540.

Pelos fins do seculo XVIII o Instituto contava 39 provincias, 22.500 membros, 669 collegios, 335 residencias, 80 universidades.

Eis a lista dos seus Geraes: S. Ignacio de Loyola (1541—1566); Diogo Laynez, hespanhol, (1558—1565) assistiu ao concilio de Trento como theologo dos Papas Paulo III, Julio III e Pio IV; S. Francisco de Borja, d'uma familia nobilissima de Hespanha, duque de Gandia, e vice-rei da Catalunha, e tido na maxima estima pelo imperador Carlos V, (1565—1572); Everardo Mercuriano, belga, (1572—1580); Claudio Acquaviva, napolitano, (1581—1615); Mucio Vitelleschi, romano, (1615—1645); Francisco Piccolomini, florentino, (1649—1651); Alexandre Gottifredo, romano, (1652); Goswino Nickel, allemão, (1662—1664); João Paulo Oliva, genovez, (1661—1681); Carlos de Noyelle, belga, (1682—1686); Thyrso Gonzales, hespanhol, (1687—1705); Miguel Angelo Tamburini, modenez, (1706—1730); Francisco Retz, bohemio, (1730—1750); Ignacio Visconti, milanez, (1751—1755); Luiz Centurioni, genovez, (1755—1757); Lourenço Ricci, florentino, que, sob cujo governo foi extincta a Companhia, e morreu no castello de Santo Angelo em 1795. Thadeu Brzozowski, polaco, (1805—1815); Luiz Fortis, natural de Verona, (1820—1829); João Roothaan, hollandez, (1829—1853); Pedro Beckx, belga, que foi eleito em 1853. A este Geral succedeu o P. Anderledy, italiano, e depois o actual Geral, o P. Martin, que reside em Roma.

Curiosidades:

Santo Elesbão, papa, ordenou que no *dia de Natal* se

dissesse missa á *meia noite*. Determinou tambem o *jejum da quaresma*, instituicão que já vinha do tempo dos Apostolos, em 138. Santo Aniceto, 12.º Papa, mandou *tonsurar os padres*, em 158. O Papa João VII fundou os *cemiterios*, no anno de 163. Santo Alexandre estabeleceu o uso da *agua benta*, em 211. S. Calixto, 17.º Papa, instituiu o *jejum das quatro temporas*. S. Dyonisio, 27.º Papa, instituiu as *dioceses e as parochias*. Santo Athanasio, 34.º Papa, mandou que os *fieis estivessem em pé quando se cantasse o Evangelho*, em 410. S. Damaso, ajuntou o *Gloria Patri ao fim dos Psalmos*; ordenou que se dissesse o *Confiteor antes da missa*, e o *Credo depois do Evangelho*, e foi o primeiro que mandou cantar a *Alleluia*, em 496.

Agapeto, 1.º do nome, estabeleceu a *procissão de Domingo*, em 534.

S. Gregorio, 63.º Papa, mandou que na missa se cantasse tres vezes o *Kyrie Eleison*; instituiu as *Ladainhas e as Rogações*; estabeleceu tambem a *procissão de Ramos*, em 590.

Sabino, 66.º Papa, ordenou que nas *egrejas* houvesse *alampadas accesas*, no anno 604.

Sergio, 87.º Papa, ordenou que se cantasse na missa o *Agnus Dei*, no anno 687.

Gregorio, 103.º Papa, instituiu a *Festa de todos os Santos*, em 827.

S. Leão II, ordenou o *osculo da paz na missa*, em 883.

João, 13.º Papa do nome, estabeleceu o uso de *baptisar os sinos*, no anno 985.

João, 16.º Papa do nome e 13.º na ordem de successão, instituiu a *Commemoração dos defunctos*, no anno 995.

Notas de sciencia:

Em Inglaterra é aconselhado o opio, associado ao acnito, nos accessos dyspneicos da doenca de Basedow. Bastará administrar uma pilula de 0,06 de opio e duas gottas de tintura de acnito para ver cessar a dyspepsia e succeder-se-lhe um somno de algumas horas, accordando os doentes bem dispostos e respirando bem.

Admitte-se, para explicar o facto, que nos individuos atacados de papeira exophthalmica, se formam substancias toxicas semelhantes á atropina e á strychnina, das quaes o opio é antagonista.

Pensamentos:

De Silvio Pellico:

Tambem é valor o disfarçar o medo e fazer por encarar a morte a pé firme e com desassombro, quando o corpo treme e vacilla; como tambem não é menos generoso o que se esforça por dar de bom grado aquillo que se não pôde dar sem muito custo; nem menos obediente o que se dispõe a obedecer fazendo o que lhe repugna.

A desventura vive em todas as terras e em todas as linguas fala; os bons em qualquer terra são sempre compatriotas dos infelizes.

Logo que cheguei a adquirir força bastante para orar por todos os homens e para não tornar a aborrecer nem sequer um só de meus semelhantes, desvaneceram-se as minhas duvidas ácerca da fé catholica.

Ah! com que ancia não suspira um encarcerado por vêr creaturas da sua especie! A religião christã, cheia como é de humanidade, não se esqueceu de contar entre as obras de misericordia o visitar dos encarcerados. A presença de pessoas que se condoem do nosso infortunio, ainda que no-lo não possam minorar, sem duvida o suavizam.

Que mysterio é este da minha dôr, que umas vezes me acho debulhado em pranto, outras (e d'estas, por meu mal, é o maior numero), quando me parece que em chorar teria um doce allivio, embargam-se me as lagrimas e eu chamo por ellas.

Versos escolhidos:

O Vidente

De Patmos no rochedo desterrado,
Entre as sonoras ondas espumantes,
João, erguendo os olhos scintillantes,
Fitava o céu como um allucinado.

O espirito, voando arrebatado
A's lucidas paragens culminantes,
Tinha as visões sublimes, deslumbrantes
Do enigma do futuro desvendado.

Via cahir da fronte os diademas
Ao vicio que aureos sceptros empunhava,
Ao fustigar das coleras supremas.

Condor sublime, assim despedaçava
As irrisorias, perfidas alg mas
Que a Bésta ignobilmente lhe soldava.

ALBERTO CRUZ.

Humorismos:

Um prégador dizia: Tudo o que Deus faz é bem feito. Um corcunda não podia comprehender tal. No fim do sermão, dirigiu-se ao prégador, dizendo-lhe: bem vêdes que Deus creando-me não creou uma perfeição.

O prégador, analysando escrupulosamente o corcunda diz-lhe: Vós sois uma prova a mais, pois Deus, creando-vos, creou um corcunda perfeito...

LYRA CHRISTÃ

Diante d'uma imagem de N. S. da Piedade

que pertenceu a minha fallecida tia D. Thereza de Noronha

Quantas lagrimas, Senhora, derramaste;
Dôr mui profunda, amarissima pena
Que a ti, Mãe pura, gentil açucena
Foram o calix de fêl que esgotaste?!

O doce Filho, morto, que abraçaste,
Vendido por Judas, traidor, um Perpenna!
Em vez de alaúdes, som de avêna
Teve agonia que acompanhaste.

Não sei que hei de em ti mais admirar;
Se a túmum resignação da piedade,
Ou a expressão afflictiva do olhar.

Misero de mim, mesquinha dualidade:
Homem vil, cruel, o coração fez sangrar
D'aquella Mãe; tão plena de santidade!

Julho, de 1904.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A' Virgem Immaculada!

(Ao Rev.^{mo} Snr. P. Bernardo, Dig.^{mo} Prefeito do Seminario de Lamêgo)

O' Virgem Immaculada!
O' Augusta mãe de Deus!
A tão grande honra exaltada,
Livrae-me dos males meus.

O' Virgem Immaculada,
Doce Mãe do meu Jesus!
Por summa dor trespassa'a
Vos venero aos pés da cruz!

O' Virgem Immaculada,
D: Sião nobre Rainha!
Que sejaes por mim amada,
Foi sempre a aspiração minha!

O' Virgem Immaculada,
Refugio dos peccadores!
Vossa Conceição louvada
Seja n'este vall' de dores!

O' Virgem Immaculada,
Mãe querida dos mortaes!
Que por todos invocada
Eu procurarei sejaes!

O' Virgem Immaculada,
Que do mundo me tirastes!
Ao ceu p'los anjos levada,
De minh'alma lá cuidastes.

O' Virgem Immaculada,
Sede sempre o meu amparo!
Na innocencia sublimada,
Dae-me horror ao peccado amaro!

O' Virgem Immaculada,
Centro e fóco do meu amor!
Por minh'alma venerada
Sois com respeito e louvor!

O' Virgem Immaculada,
Minha Mãe, Santa Maria!
Em que sejaes sempre honrada,
Sinto em mim summa alegria!

O' Virgem Immaculada,
Minha sob'rana Senhora!
P'ra assim serdes aclamada
A minha alma se afervora!

O' Virgem Immaculada,
Minha amavel Mãe do ceu!
Ver-vos lá glorificada
E' o ardente desejo meu!

O' Virgem Immaculada.
Sede a minha protectora!
Por Deus Altissimo c'roada,
Sede minha Mãe e Senhora!

O' Virgem Immaculada!
P'la nação portugueza
No Sameiro venerada
Sois em vossa realeza!

O' Virgem Immaculada,
Rainha do ceu e da terra!
Sois no Sameiro coroada
Em nome do que não erra!

O' Virgem Immaculada!
C'm devoção no Sameiro
Sois agora visitada,
Pelo Portugal inteiro!

O' Virgem Immaculada!
Pela peregrinação,
Que se acha ante vós prostrada,
Soccorrei-nos na afflicção!

O' Virgem Immaculada!
A c'roa d'ouro e pedrarias,
Que por nós vos é offertada,
Mostra as nossas sympathias!

O' Virgem Immaculada
Sempre, em vossa Conceição!
Pela b'oa e santa estrada
Guiae o meu coração!...

Seminario de Lamêgo 12 6 904.

Jacinto d'Almeida Motta.

Hymno á Virgem

Por ti soltem harpas, ó Virgem Maria,
os mais ternos cantos de som festival.
E as vozes dos anjos, com santa alegria,
exaltem teu nome, formoso, immortal.

Alcança-nos, Virgem, perdão dos delictos.
E o teu patrocínio sempre ha de valer
aos filhos sinceros que vivem afflictos
e sob o teu manto se vão acolher.

Mais bello, que a aurora, que estrella formosa,
mais bello, que a lua, sem nuvens, sem véu,
rainha da terra, mais pura, que a rosa,
esposa és do Eterno, rainha és do Céu.

Alcança-nos, Virgem, etc.

Invocam-te os nautas, se o mar se encapella
E chamam-te, humildes, estrella do mar,

— Tu és protectora da casta donzella.
O vate de crenças te sabe cantar.—

Alcança-nos, Virgem, etc.

Que importa, que os impios te neguem, Senhora,
de Mãe e de Virgem sublime brazão?

— Tu sempre recebes, ó Mãe protectora,
as preces sinceras em teu coração!—

Alcança-nos, Virgem, etc.

Ainda tens crentes fieis, Virgem pura,
de quem és amparo, de quem tu és mãe;
descrentes do mundo, que, em triste amargura,
ao teu patrocínio recorrem tambem.

Alcança-nos, Virgem, etc.

Se o éden da terra por Eva perdemos,
por ti conquistámos, ó Virgem, o Céu,
Sem teu doce amparo, Senhora, soffremos,
da vida nos mares horrendo escarceu,

Alcança-nos, Virgem, etc.

Teu nome, Senhora, será invocado
com intimo affecto, com puro fervor.
Dos crentes sinceros será sempre amado.
Será de teus filhos alivio na dôr.

Alcança-nos, Virgem, perdão dos delictos.
E o teu patrocínio sempre ha de valer
aos filhos sinceros, que vivem afflictos
e sob o teu manto se vão acolher.

(Aveiro.)

Rangel de Quadros.

RETROSPECTO DE QUINZENA

Eis-nos em pleno estio. O estio, filho do sol, como o considerava a mythologia antiga, é a quadra risonha da abundancia, em que se ostentam os primeiros fructos, e em que o lavrador faz as suas colheitas, que espalham sobre a terra abastança e alegria.

«Junho fouce em punho»—diz um antigo adagio da nossa terra. E' realmente durante o estio, que «verdejantes espigas enloirece», que a faina dos campos mais se activa e se anima, assumindo as proporções d'uma grande festa, em que sobre a terra, aquecida pelos raios do sol vivificante, echoam por toda a parte os canticos alegres dos segadores.

Os antigos representavam o estio sob uma figura feminina, coroada de espigas, sustentando n'uma das mãos a foice, e na outra uma cornucopia cheia de fructos.

Illucidando o nosso artigo do n.º anterior, intitulado «A Santa Sé e a França» faremos a seguinte nota explicativa:

Depois do esbulho do poder temporal dos Papas, nenhum soberano catholico visitou solemnemente o augusto prisioneiro da revolução. Outros soberanos durante a sua estada em Roma, como ainda ha pouco Guilherme II e Eduardo VII, só o visitaram, depois de terem sahido das respectivas embaixadas, que, como terreno não nacional, equivaleria a virem directamente das suas proprias nações, e d'ahi a visita ao Papa em primeiro lugar como então dissemos,

Sirva isto de illucidação a quem ignorar estas particularidades, que por isso mesmo deixaria de comprehender perfeitamente o verdadeiro sentido d'um periodo do dito artigo.

Trabalha-se activamente na causa da beatificação do ccondestavel D. Nuno Alvares Pereira. E' por demais conhecida esta grandiosa figura na nossa historia patria. Ha já muito tempo que se acha á veneração dos fieis, na igreja do Carmo, em Moura, uma imagem do grande guerreiro que é bastante venerada pelos habitantes d'aquella villa.

Para Roma parte brevemente o sr. dr. Alçada de Pava, para levantar um auto sobre a continuidade do culto prestado á imagem.

S. Ex.^a o sr. Cardeal Patriarcha têm-se empenhado bastante para que a beatificação se realise o mais depressa possivel, dependendo a sua aprovação d'um decreto da S. Congregação dos Ritos.

Sobre o nevado e magestoso cume das Andes acaba de levantar-se uma monumental estatua de Christo Redemptor.

As duas republicas chilena e argentina firmaram a consolidação perpetua da paz nos seus estados com este publico testemunho de fé.

As ceremonias da inauguração foram imponentissimas, sendo theatro a altissima cordilheira dos Andes, na America, do mais grandioso espectáculo que é dado imaginar-se.

Gloria a Deus por mais este triumpho do Rei immortal dos seculos, Jesus Christo, Redemptor do mundo.

Em Lisboa trata-se da erecção d'uma magestosa basilica consagrada a Maria Immaculada, como padrão immorredouro das festas portuguezas do quinquagenario da definição dogmatica da Conceição.

Já foi aberto concurso entre os architectos nacionaes para a apresentação de planos, havendo para isso tres importantissimos premios pecuniarios.

Mais uma revista catholica acaba de ver a luz da publicidade. E' «A Guarda», publicada na cidade do mesmo nome sob os auspicios do seu dignissimo Prelado. Com artigos interessantissimos e uma direcção superior, assim se apresenta o novo legionario catholico, acrescentando ainda a exiguidade no preço da assignatura annual, o que a torna accessivel a todas as bolsas.

E', em summa, um distinctissimo collega que vem brilhar fulgidamente no journalism catholico portuguez.

Bem vindo seja o novel lidador e oxalá seja longo e brilhantissimo o seu labor n'esta ardua messe da imprensa.

O nosso distinctissimo collega «O Grito do Povo», e denodado paladino social do nosso norte, acaba de entrar em mais um anno da sua existencia.

Por este facto, para nós tão jubiloso, endereçamos-lhe os mais entusiasticos parabens, pois que, na sua valente campanha, hão sido innumerados os fructos que tem operado na dontrinação operaria do socialismo christão, de tão grande alcance futuro.

Com estas nossas felicitações vão d'envolta os nossos aplausos pelos melhoramentos que ultimamente encetara, e que o fazem competir com os seus congeneres do estrangeiro.

Avante, pois.

Tambem o nosso «Petardo» entrou em mais um anno da sua já agora gloriosa existencia—o 3º.

Este nosso presadissimo collega, o unico jornal humoristico na imprensa catholica, tem prestado relevantes serviços á causa da Igreja, arvorado como tem nos seus estandartes o verso de Horacio: *Uidendo castigat mores*.

Oxalá se prolongue ininterruptamente por uma larga serie de annos a vida do intemerato collega.

Vae uma celeuma medonha por essa França por causa do celebre milhão dos cartuxos.

Combes, de trambulhão em trambulhão, chegou a uma situação ridicula e verdadeiramente insustentavel.

Como sabem os nossos leitores, os monges da Cartuxa foram solicitados por um personagem politico em evidencia em França a entregarem um milhão de francos, caso quizessem uma lei favoravel que lhes permitisse a sua permanencia no seu paiz, ao que elles se negaram formalmente.

Sabe-se agora, depois das escandalosas revelações no parlamento e nos jornaes, que se acham escuramente envoltos n'esse caso indecoroso um filho de Combes e talvez o proprio Combes em pessoa (irribus!).

A posição d'este energumeno tornou-se insustentavel e só um descarado impudor ou desvairado cynismo poderá manter este *heroe moderno* nos baluartes do poder de que tem feito tão infernal uso.

Veremos e falaremos, porque a procição ainda vae na rua e promete.

No dia 19 realisou-se em Vienna d'Austria a solemne cerimonia da consagração do imperio austriaco á Immaculada Conceição. Este facto effectuou-se em presença do imperador, da familia imperial, das auctoridades ecclesiasticas e civis, e perante uma enorme massa de povo.

Estava n'uma das janellas do palacio da Nunciatura o rei da Dinamarca que, como se sabe, é protestante.

Um jornal anarchista de Paris acaba de publicar um artigo ameaçador contra Maura, o notavel estadista hespanhol, que é nada mais e nada menos que a sua condemnação á morte.

Por aqui veja-se a extraordinaria coragem e rija envergadura de caracter que é necessaria aos dirigentes para não seguirem as imposições forjadas na sombra pelos inimigos de Deus e da sociedade.

O partido nacionalista leva á Camara de Deputados eleito por Braga, o sr. dr. Antonio Peixoto Correia.

Pela apresentação que de s. ex.^a fizeram os diarios catholicos, vê-se que teremos no nosso parlamento um representante que honrará sobremaneira o programma partidario portuguez que tem por glorioso lemma: Deus e Patria.

O snr. Bernardino Machado foi á Povoá de Varzim fazer uma conferencia sobre o descanso dominical (sic) a convite da novel Associação dos Empregados do Commercio, da mesma villa.

Até aqui está tudo muito bem; mas, a ajuizar-se pelo que lemos nos jornaes, s. ex.^a versou exclusivamente sobre o descanso *semanal*, que não é precisamente o que as associações congéneres da Povoá de Varzim inscrevem nas suas reivindicações.

De resto, não nos admira esta contraproducencia, o que nos maravilhou foi, porém, o desconhecerem os povoaes que tinham no seu seio, a fazer-lhes predicas, nada mais e nada menos que... o ex-grão mestre da maçonaria portugueza.

O jornalismo portuense acha-se em plena ebullicão por

causa dos acontecimentos que se tem desenrolado após a chegada ao Porto do pseudo sabio das orações pantheistas, para quem tinha projectado uma espalhafatosa manifestação.

Como se sabe, a policia, afim de evitar a todo o transe a manifestação fóra da gare de S. Bento, lançou mão dos seus tradicionaes meios: a espadeirada bravia, a torto e a direito.

Se da parte d'esta não foi demasiado filalgo o seu proceder, tão pouco o foi pela imprensa diaria que por meio d'uma campanha violenta exigia represalias sem conto.

Agora a solução, superiormente sancionada, do conflicto veio ainda mais atear a questão, projectando-se para ahí coisas do arco da velha...

NECROLOGIA



Conego Alves Mendes

Está de lucto a Sé portuense pelo fallecimento de dois dos seus illustres beneficiados, os rev.^{mos} conegos Alves Mendes, notavel orador sagrado e Pereira Alvim. A perda d'estes dois respeitaveis membros do clero, foi muito sentida. O rev. conego Alves Mendes, de quem damos o retrato, era muito conhecido pelas suas notaveis orações saoras, cuja extrema belleza arrebatava os auditorios. Paz á sua alma.

—Em Vizeu finou-se o rev.^{mo} snr. P. Antonio Ferreira d'Almeida, irmão do nosso respeitabilissimo collega da «Revista Catholica» o snr. conego Dr. Miguel Ferreira d'Almeida, a quem enviamos sentidos pezames.

—Em Villela Secca—Chaves, falleceu a ex.^{ma} snr.^a D. Carmelina de Jesus Martins Roma, extremosa mãe da nossa estimavel assignante snr.^a D. Julia Candida Roma.

Encommendamos estes saudosos finados ás orações dos nossos piedosos leitores.

BIBLIOGRAPHIA

Collecção «*Sciencia e Religião*».—Recebemos o n.º 2—Historia Social da Igreja, por Ch. Billiet. Não deixaremos de recommendar a leitura d'esta bibliotheca que pelo seu alto valor intrinseco está destinada a um verdadeiro successo litterario.

A *Maria Immaculada* o *Seminario de Santo Antonio*

e S. Luiz Gonzaga.—E' um formosissimo opusculo commemorativo das festas marianas, que vem occupar um lugar primacial entre as publicações que sobre o mesmo assumpto tem sahido a lume.

No quinquagesimo anno depois da definição dogmatica da Immaculada Conceição, pelo dr. José Rodrigues Cosgaya. E' mais um soberbo exemplar para o archivo das homenagens á SS. Virgem no seu anno jubilar.

A todos os offerentes agradecemos a amabilidade da offerta.

EXPEDIENTE

Aos Seminaristas

A vós, gloriosa phalange sacra do futuro, confiados como estamos no vosso enthusiasmo juvenil, recommendamos esta nossa Revista no vosso Apostolado da Imprensa, em que ides aproveitar este tempo de ferias. Vamos, pois, abrir assignatura extraordinaria para o segundo semestre d'este anno, a começar no passado n.º 13. Eaviamos n.º specimens a quem nol-os pedir.

ANNUNCIOS

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENIOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. ANTONO, BSPO DO PORTO

Preços :

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrín, douradas	15000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

A ALMA

NO

CALVARIO

CONSIDERANDO

Os soffrimentos de Jesus Christo e achando ao pé da Cruz a consolação para as suas penas

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

POR

A. L. F.

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, BISPO DO PORTO

Um volume de perto de 400 pag.	300 reis
Encadernado	500 »

A' venda na Livraria de Antonio José Fernandes—44, Largo dos Loyos, 45—e na Typographia Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

Sermão do Enterro
PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio Barroso Bispo do Porto

Preço 100

ORAÇÃO

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Para ser recitada durante o seu jubileu 1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA

(Tradução official)

Preço—Por um exemplar. 10 rei

Vade-Mecum do Seminarista

(Tradução livre)

Preço 200 réis

Cartas Encylicas de Sua Santidade Leão XIII— 5 vol. Broch. 15500. Enc. 25100

Bernardette—Sorer Maria Bernarda, por Henrique Lassere Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto de Amaral. 1 vol. broch. 400

Oração fúnebre do Exc.º e Rev.º Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas solemnes exequias celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890, Preço. 250

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.º Sr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Ex.º Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 200

Defesa da crença catholica —(refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 500

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando —Com approvação do Em.º Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.º Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encylica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.º e Rev.º Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 10

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus, Versão da 3.ª edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuquezas.